Armando Bordalo da Silva

A INTEGRAÇÃO AMAZÔNICA E O ESTADO DO CAITÉ

SEPARATA DA

REVISTA DA UNIVERSIDADE

FEDERAL DO PARÁ

1974 — 1.º Semestre

A INTEGRAÇÃO AMAZÔNICA E O ESTADO DO CAITÉ

Palestra proferida pelo Prof. Dr. ARMANDO BORDALLO DA SILVA por ocasião do encerramento da 1a. Feira da Cultura Popular do Caité, na cidade de Bragança, no dia 16 de dezembro de 1973.

SINOPSE

Palestra proferida no dia 16 de dezembro de 1973, na cidade de Bragança, por ocasião do encerramento da Primeira Feira Popular de Artezanato do Caité.

O A. inicia o trabalho fazendo um breve resumo do histórico da fundação da Capitania do Caité, em 1634, às margens do rio de igual nome, salientando a colonização e reconstrução da vila, em 1753, de ordem do Capitão General Francisco Xavier de Mendonça Furtado, recebendo, por essa ocasião, trinta casais de açorianos. O A. enfatiza o papel dessa civilização branca; da mestiçagem desses brancos com os índios, resultando o caboclo bragantino; a introdução do negro como escravo e do papel altamente aculturativo, pela introdução de novas pautas sociais e folclóricas trazidas por esses negros; e salienta, também, a chegada dos nordestinos, a partir de 1908, com a chegada dos trilhos da Estrada de Ferro de Bragança, a esta cidade.

O A. historia, ainda, a fundação da Irmandade do Glorioso São Benedito de Bragança, de sua festa e da "Marujada". Descreve várias danças antigas ainda existentes, muito especialmente o Retumbão, dança típica da Marujada.

A seguir o A. destaca o papel político-administrativo do território da antiga Capitania do Caité, pondo em destaque a posição fisiográfica e principalmente ecológica de suas micro-áreas. Esse territó-

rio sabiamente aproveitado pelo português, do tempo das Capitanias, foi uma unidade administrativa e limítrofe entre as duas grandes regiões do Brasil — o Norte e o Nordeste. Denuncia o desigual tratamento, principalmente econômico, entre o Pará e o Maranhão, na distribuição de incentivos fiscais. Enquanto o Pará os recebe pela região Norte, da Sudam, o Maranhão recebe pelo Norte, da Sudam e pelo Nordeste, da Sudene. Por isso o A. louva a sabedoria dos portugueses que estabeleceram a Capitania do Caité.

Finaliza o A. fazendo um apelo à política administrativa da Revolução de 1964, para que restabeleça a unidade administrativa, ocupando o território da antiga Capitania do Caité, o que serviria de fronteira, a mais oriental, da grande área amazônica, e possibilitaria um limite mais definido, com a criação do Território ou do Estado do Caité.

Mostra a seguir o A. que sendo este território: — o maior centro de lavoura; um dos maiores centros de pecuária; o maior centro pesqueiro; também rico em minério (ouro, bauxita, etc.); e a área mais demograficamente densa (30-40 habts. por Km2); tudo isso, de toda a Amazônia, seria justo que também este território partilhasse dos benefícios e inestimáveis auxílios, que presentemente vem recebendo a parte central da Amazônia: — em estradas, obras públicas, na pecuária, na indústria, na lavoura, etc. Para isso a criação do Território ou do Estado do Caité deveria ser o primeiro passo, porque começaria delimitando a Amazônia, integrando-a dentro de unidades administrativas indivisíveis.

O apelo é válido porque sabemos do interesse dos atuais governantes do País, realizando a integração total da Amazônia, à civilização brasileira: — humana, social e econômica.

A integração da Amazônia à civilização branca, especialmente européia, se consolidou com a expedição de Caldeira de Castelo Branco. É certo que franceses, ingleses, holandeses e outros, alguns anos antes, tentaram conquistá-la, e que, em tempos remotos, povos andinos e caraíbas a tenham conquistado. No entanto, a efetiva ocupação da Amazônia, pela cultura branca, foi realizada, especialmente, pelos lusitantos a partir de 1616.

As primeiras explorações da Costa Oriental do Pará datam de 1531, por Diogo Leite e Baltazar Gonçalves; posteriormente pelos franceses em 1613, comandados por Daniel de La Touche; e, a partir de 1616, efetivamente, pelos portugueses.

A história da Capitania do Gurupi e Caité remonta ao ato de Felipe III da Espanha doando a Gaspar de Souza, em 9 de fevereiro de 1622, esse território. Em 1633 Francisco Coelho de Carvalho deu a seu filho Feliciano Coelho de Carvalho os territórios da mesma Capitania, que fundou, em 1627, às margens do rio Gurupi, a vila de Vera Cruz. A Metrópole não confrimou este ato e Felipe III em Carta Régia de 13 de fevereiro de 1634 confirmou a doação a Álvaro de Souza, filho e herdeiro de Gaspar de Souza, Governador Geral do Brasil.

Álvaro de Souza fundou então o primeiro povoado sobre o rio Caité, margem direita como sede da Capitania do Caité, dando-lhe o nome de Vila de Souza do Caité. Pouco tempo depois, por fatores ainda não determinados, mas sem dúvida devido a maior facilidade de comunicação com Belém, ao que se presume, entre... "1634 a 1640, estabeleceu-se definitivamente a sede da capitania à margem esquerda do Rio Caité, na mesma área em que hoje está a cidade de Bragança" (Bolivar, ms). O antigo local, um pouco mais a jusante é conhecido por "Vila-Cuera" ou pela deturpação aportuguesada de "Vila-qui-era".

A população indígena era constituída pelos Caité, da poderosa nação dos Tupinambá, talvez os últimos remanescentes da famosa tribo dos Caité, escorraçada das costas baianas e pernambucanas; e pelos Apotianga, transferidos das margens do Piriá, para as do Caité. (Leal, Antônio Henrique — Lisboa, 1874). Ainda hoje um dos bairros de nossa cidade — a Aldeia — era àquela época, ocupada pelos indígenas e separada das habitações dos colonos brancos, por um riacho. (Bordallo da Silva, Armando — Contribuição ao Estudo do Folclore Amazônico na Zona Bragantina — Série Antropologia, n.º 5, M.P.E.G. — Belém, 1959).

da Vila de Bragança pelos açorianos, a influência cultural branca se fez sentir, modificando profundamente a vida social e econômica da região. A lavoura precisava de braços; o índio era hostil ao trabalho escravo; a introdução do negro tornava-se necessária ao trabalho agrícola e pastoril. Com a presença destes novos elementos étnicos e pautas culturais diferentes, fundiram-se três culturas: a indígena, a branca e a negra. Até a chegada dos trilhos da Estrada de Ferro de Bragança, em 1908, esta cidade tinha suas maiores relações comerciais, sociais e culturais com o Maranhão e somente por essa ocasião chegaram os nordestinos que, embora influenciando hábitos do povo, no entanto, não os modificaram profundamente. Apesar disso podemos admitir uma quarta fase de influências, a partir de 1908, com a presença dos nordestinos, que se expandiram de Bragança para leste.

A influência provocada nos hábitos e costumes dos bragantinos, como de resto, em todo o território amazônico, foi nitidamente indígena, portuguesa e negra. Daí os remanescentes culturais estereotipados na vida diária, nas comemorações sociais, políticas, econômicas e religiosas de Bragança.

* * *

O culto a São Benedito, em Bragança, é dos maiores e mais antigos. Remonta a 1798, quando foi fundada a Irmandade, mantida com muito fervor, até a presente data, pelos bragantinos de todos os quadrantes e de todas as camadas sociais. A festividade é realizada anualmente com grande devoção e religiosidade e a Igreja, de sua propriedade, centenário patrimônio, é cuidada com esmerado zelo.

Reza a tradição que os escravos pediram permissão aos seus senhores para erguerem uma Igreja ao Santo de sua profunda veneração, bem assim a fundação de uma confraria. O primeiro Estatuto da Irmandade do Glorioso São Benedito de Bragança é de 3 de setembro de 1798; e porque ele fosse

da Vila de Bragança pelos açorianos, a influência cultural branca se fez sentir, modificando profundamente a vida social e econômica da região. A lavoura precisava de braços; o índio era hostil ao trabalho escravo; a introdução do negro tornava-se necessária ao trabalho agrícola e pastoril. Com a presença destes novos elementos étnicos e pautas culturais diferentes, fundiram-se três culturas : a indígena, a branca e a negra. Até a chegada dos trilhos da Estrada de Ferro de Bragança, em 1908, esta cidade tinha suas maiores relações comerciais, sociais e culturais com o Maranhão e somente por essa ocasião chegaram os nordestinos que, embora influenciando hábitos do povo, no entanto, não os modificaram profundamente. Apesar disso podemos admitir uma quarta fase de influências, a partir de 1908, com a presença dos nordestinos, que se expandiram de Bragança para leste.

A influência provocada nos hábitos e costumes dos bragantinos, como de resto, em todo o território amazônico, foi nitidamente indígena, portuguesa e negra. Daí os remanescentes culturais estereotipados na vida diária, nas comemorações sociais, políticas, econômicas e religiosas de Bragança.

* * *

O culto a São Benedito, em Bragança, é dos maiores e mais antigos. Remonta a 1798, quando foi fundada a Irmandade, mantida com muito fervor, até a presente data, pelos bragantinos de todos os quadrantes e de todas as camadas sociais. A festividade é realizada anualmente com grande devoção e religiosidade e a Igreja, de sua propriedade, centenário patrimônio, é cuidada com esmerado zelo.

Reza a tradição que os escravos pediram permissão aos seus senhores para erguerem uma Igreja ao Santo de sua profunda veneração, bem assim a fundação de uma confraria. O primeiro Estatuto da Irmandade do Glorioso São Benedito de Bragança é de 3 de setembro de 1798; e porque ele fosse

"escaço em providências que não se acham nele e não estar aprovado pelo poder temporal, como é de lei" foi organizado e aprovado um segundo Estatuto em 1.º de maio de 1853. Finalmente um terceiro Estatuto foi aprovado pela Assembléia Geral da Irmandade em 7 de julho de 1946, tornando-se sociedade civil, em vigor até a presente data.

Há uma origem comum da Marujada com a Irmandade de São Benedito. Quando em 1798 os senhores anuíram ao pedido de seus escravos, para a organização da Irmandade e foi realizada a primeira festa em louvor de São Benedito, os negros, em sinal de reconhecimento, foram incorporados dançar de casa em casa de seus senhores. No ano seguinte nova manifestação de agradecimentos, com danças à porta, ficando daí por diante, como praxe, essas exibições coreográficas. Esta é pois, a tradição da origem da Marujada, em Bragança. É por isso que a Marujada bragantina em nada se assemelha ao auto marítimo, existente em todo o Brasil, com o mesmo nome ou com os de: "Chegança de Marujos", "Barca", "Fandango", etc. É a Marujada de Bragança uma organização profana, à parte da Irmandade, mas por ela amparada.

A dança de preferência da Marujada é o retumbão. O seu compasso musical e rítmico é o do lundum. Parece-nos que o retumbão é o próprio lundum, que nos ficou com esse nome, insulado neste grupo, em Bragança, sem ter sofrido as influências da civilização, que o modificou progressivamente da senzala ao salão aristocrático. Comparando-se o nosso retumbão ou o lundum primitivo, como pensamos nós, com o dançado nos salões sociais do Brasil e da Europa, em que ele apareceu com características extremas de uma música e dança exótica, lúbrica e sensual, o nosso retumbão é menos cheio desses requebros excitantes, predominando sobre isso a preocupação dos passos coreográficos. As maneiras e o donaire com que é dançado lhe dão certas características próprias, embora se possa reconhecer na música cadenciada pelo tambor grande e no estilo da dança, um rítmo primitivo. Se o lundum em Bragança ficou insulado, nesse isolamento

manteve as formas primitivas da dança original. Assim, menos influenciado de rítmos estranhos, essa dança, formalística e mais de acordo com a índole dos negros, é dançada no compasso dos instrumentos musicais africanos, introduzidos pelos escravos. No lundum os circunstantes formam roda, batem com as mãos o rítmo, e um só par dança; no retumbão os circunstantes também fazem roda, sem no entanto, marcarem o compasso por meio de palmas e geralmente dois pares dançam de uma só vez. Decorridos já tantos anos desde o tempo em que o lundum predominava e a influência negra era acentuada, observa-se hoje uma motivação indígena, não somente na indumentária, como até mesmo na maneira de dançar. O procedimento popular de cada época, está em função das correlações de comunicação com hábitos e costumes, porventura introduzidos na comunidade, por aculturação, por isso, o dinamismo folclórico é inevitável. A castanhola, por exemplo, que alguns homens usam, agora, ao dançarem o retumbão, marca, evidentemente, a influência espanhola trazida por estes colonos, que para aqui vieram no fim do século passado e começo deste.

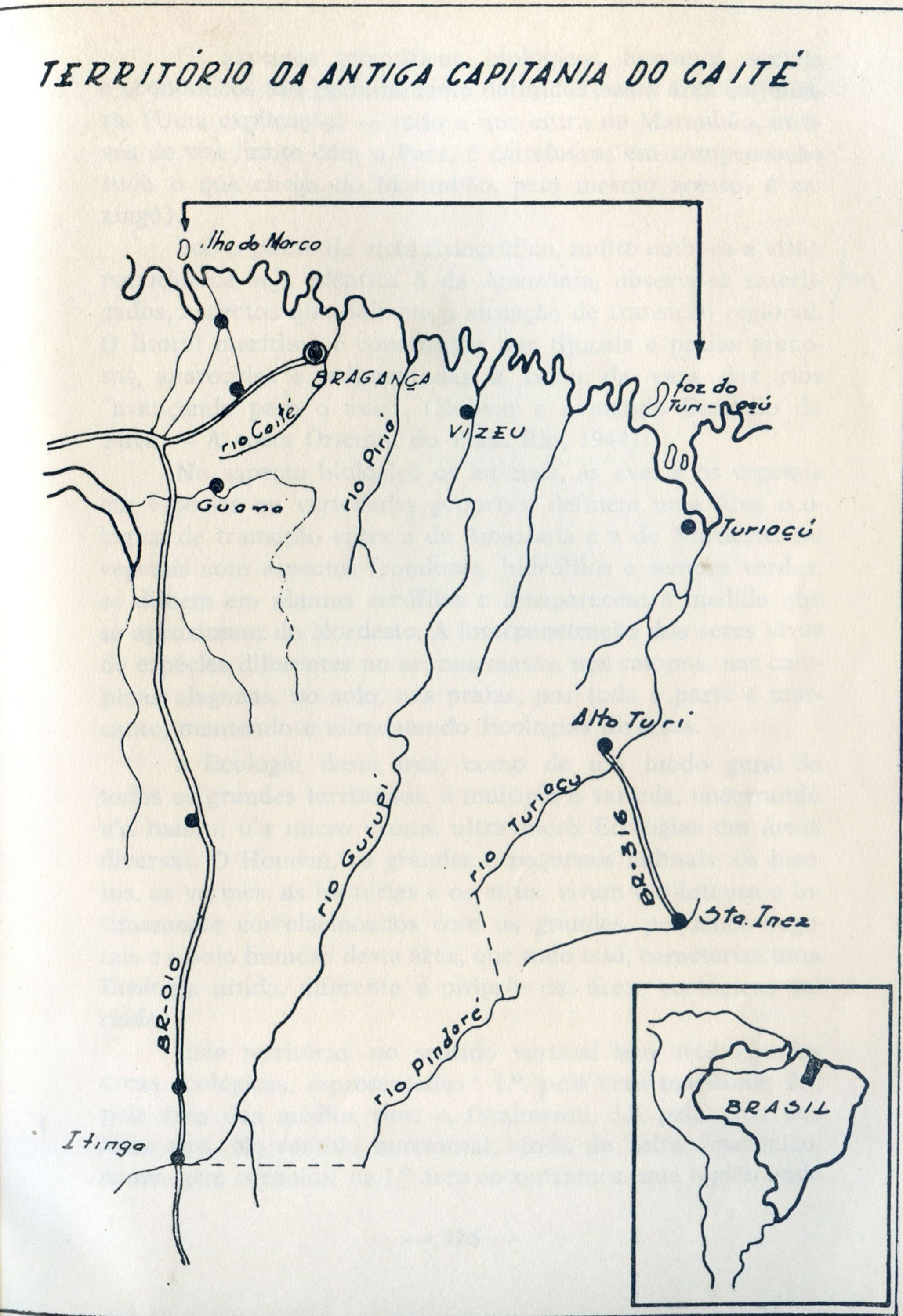
Uma outra dança quase desaparecida em Bragança, é o "Bagre"; espécie de quadrilha dançada em roda, marcada em francês deturpado e com grande número de partiticipantes. O "Bagre" é uma dança em que o compasso musical é o binário simples, em ré maior, sendo o rítmo o mesmo do retumbão, no entanto, mais "allegro". Os tocadores, para dar mais ênfase ao rítmo e mais entusiasmo à dança, cantam versinhos de improviso e os cavalheiros de quando em vez batem os pés com o mesmo propósito.

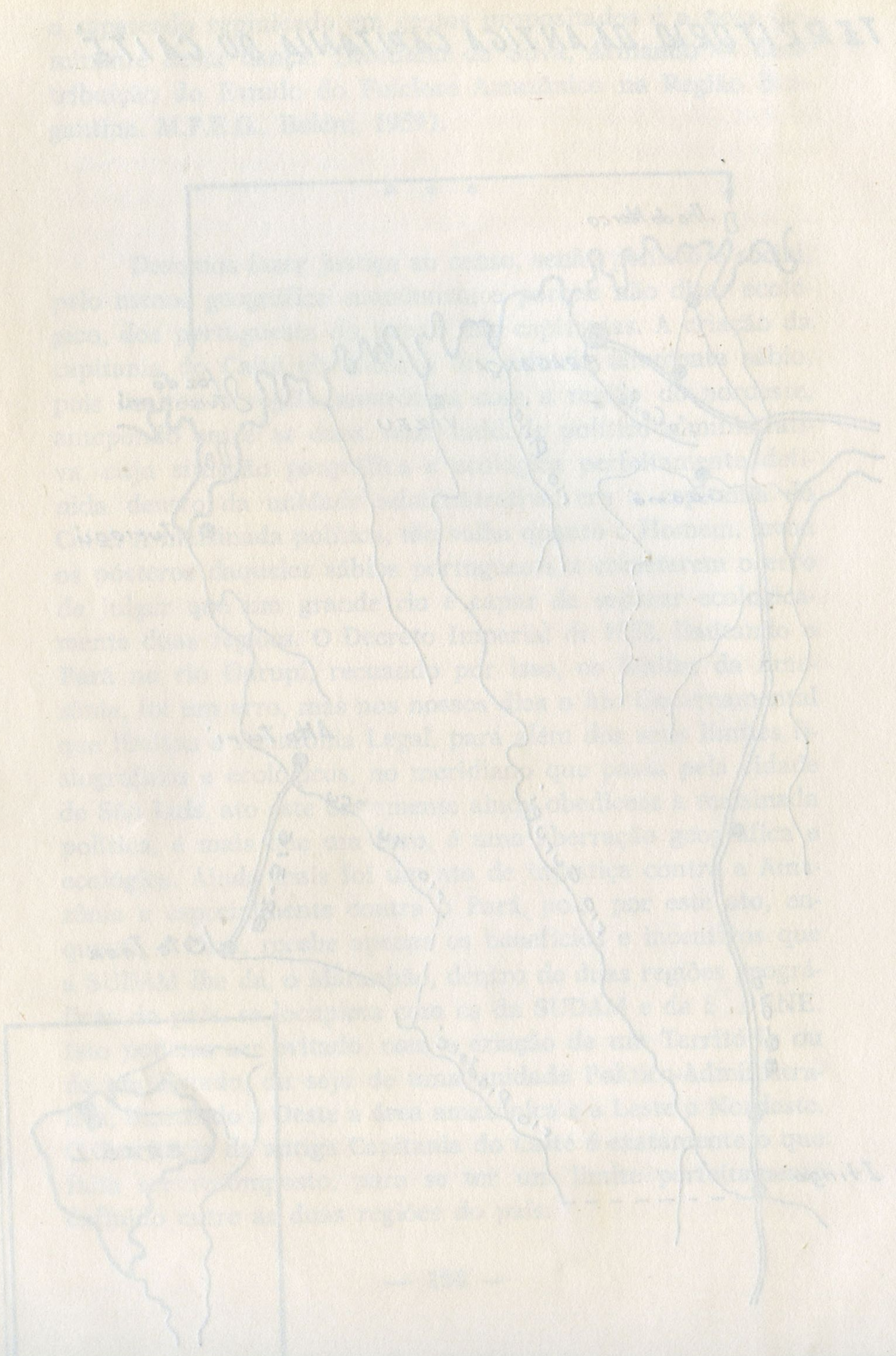
Há também uma dança denominada "Chorado" em que os participantes fazem roda e uma mulher sai sozinha para dançar. Decorridos alguns momentos ela escolhe o seu par batendo mais fortemente com os pés no solo em direção ao eleito e com os dedos lhe fazendo ligeiro aceno. Um só par dança de cada vez; o rítmo é o do retumbão, em sol maior, e

o sapateado repinicado em gestos propositados é a nota dominante desta dança. (Bordallo da Silva, Armando — Contribuição do Estudo do Folclore Amazônico na Região Bragantina. M.P.E.G., Belém, 1959).

* * *

Devemos fazer justiça ao censo, senão político e social, pelo menos geográfico econômico, e porque não dizer ecológico, dos portugueses do tempo das capitanias. A criação da capitania do Caité obedeceu a um critério altamente sábio, pois limitou a região amazônica com a região do nordeste, antepondo entre as duas, uma unidade político-administrativa, cuja situação geográfica e ecológica perfeitamente definida dentro da unidade administrativa, era a capitania do Caité. A malsinada política, tão velha quanto o Homem, levou os pósteros daqueles sábios portugueses a cometerem o erro de julgar que um grande rio é capaz de separar ecologicamente duas regiões. O Decreto Imperial de 1852, limitando o Pará no rio Gurupi, recuando por isso, os limites da Amazônia, foi um erro, mas nos nossos dias o Ato Governamental que limitou a Amazônia Legal, para além dos seus limites fisiográficos e ecológicos, no meridiano que passa pela cidade de São Luís, ato este certamente ainda obediente à malsinada política, é mais que um erro, é uma aberração geográfica e ecológica. Ainda mais foi um ato de injustiça contra a Amazônia e especialmente contra o Pará, pois, por este ato, enquanto o Pará, recebe apenas os benefícios e incentivos que a SUDAM lhe dá, o Maranhão, dentro de duas regiões geográficas do país, se locupleta com os da SUDAM e da SUDENE. Isto poderia ser evitado, com a criação de um Território ou de um Estado, ou seja de uma unidade Político-Administrativa, limitando a Oeste a área amazônica e a Leste o Nordeste. O Território da antiga Capitania do Caité é exatamente o que falta ser recomposto, para se ter um limite perfeitamente definido entre as duas regiões do país.


TERRITÓRIO DA ANTIGA CAPITANIA DO CAITÉ
Ilha do Marco
BRAGANÇA
rio Caité
Guama
rio Piriá
VIZEU
foz do
Turi-açú
Turiaçú
Alto Turi
rio Gurupi
rio Turiaçu
BR-316
Sta. Inez
rio Pindaré
BR-010
Itinga
BRASIL



Os aspectos geográficos, biológicos, humanos, sociais e econômicos são perfeitamente definidos nesta área caiteuára. (Uma explicação: — tudo o que entra no Maranhão, através de seu limite com o Pará, é caiteuára; em compensação tudo o que chega do Maranhão, pelo mesmo acesso, é caxingó).

Sob o ponto de vista fisiográfico, muito embora a visão panorâmica seja idêntica à da Amazônia, observa-se interligados, aspectos que definem a situação de transição regional. O litoral marítimo é constituído por tijucais e praias arenosas, aparecidas e sedimentadas à custa da vaza dos rios "avançando para o mar". (Bolivar e Armando Bordallo da Silva — A costa Oriental do Pará. Rio, 1944).

No aspecto biológico os animais, as aves e os vegetais em espécies ou variedades próprias, definem uma área ecológica de transição entre a da Amazônia e a do Nordeste. Os vegetais com aspectos frondosos, hidrófilos e sempre verdes, se diluem em plantas xerófilas e desaparecem à medida que se aproximam do Nordeste. A interpenetração dos seres vivos de espécies diferentes no ar, nas matas, nos campos, nas campinas alagadas, no solo, nas praias, por toda a parte é marcante, mantendo e alimentando Ecologias diversas.

A Ecologia desta área, como de um modo geral de todos os grandes territórios, é múltipla e variada, encerrando u'a macro, u'a micro e uma ultra-micro Ecologias em áreas diversas. O Homem, os grandes e pequenos animais, os insetos, os vermes, as bactérias e os vírus, vivem tão intensa e intimamente correlacionados com os grandes, pequenos vegetais e o solo humoso desta área, que tudo isso, caracteriza uma Ecologia nítida, diferente e própria em áreas ecológicas variadas.

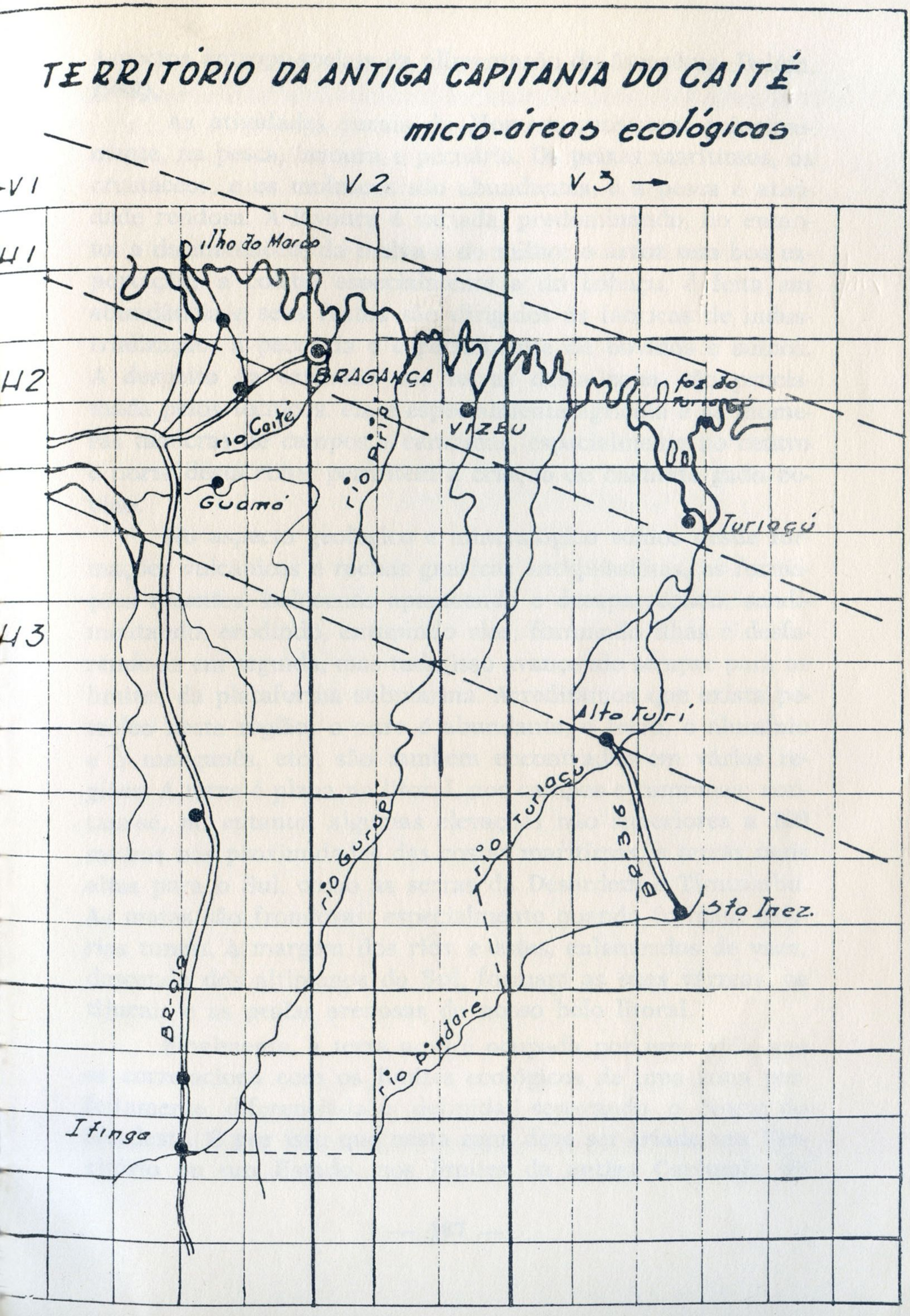
Este território, no sentido vertical tem três grandes áreas ecológicas, representadas : 1.º, pela área marítima; 2.º, pela área dos médios rios; e, finalmente, 3.º, pela área dos altos rios. No sentido horizontal, vindo do delta amazônico, na margem oceânica: na 1.ª área encontramos uma região onde

predomina o tijuco e os mangais sobre a areia e as praias; logo em seguida vem a 2.ª área onde as praias, os tijucais e os mangais estão mais pra cima, até os médios rios; e, finalmente do Gurupi para o Leste, está a 3.ª área onde predominam as praias sobre os mangais e tijucais, com a terra firme mais próxima da margem oceânica.

Quanto aos vegetais, especialmente, quanto às palmeiras, de Belém para Leste, predominam em ordem de presença decrescente, o Mucajá, e em ordem crescente o Inajá e o Babaçu. O Babaçu (Orbignya Martinians, B.R.) ocupando densamente as terras que nos vêm de Leste, chega até a Região Bragantina, esparsamente distribuído, é certo, mas encontrado até às margens do Maracanã — Jeju — Estrada Belém-Brasília, em direção ao Sul. Com a palmeira Inajá (Maximiliana régia, Mart.) se dá o inverso, a zona Bragantina até o Gurupi é mais densamente ocupada daí se diluindo até chegar às margens do Pindaré e Mearim.

O tipo humano desta zona é mais ou menos idêntico ao de outras áreas da Amazônia, com características marcantes, no entanto, dos mestiços de índios e brancos. Apesar de existirem negros e seus mestiços em maior percentagem a Oeste do Gurupi, a Leste, negros e seus mestiços também existem em menor percentagem. No entanto a Leste como a Oeste do Gurupi predominam os caboclos, entre os quais, não raro encontramos brancos ou amorenados, com olhos verdes ou azuis, e cabelos castanho-claros ou louros. São possivelmente, os descendentes de franceses e portugueses, colonizadores primitivos e de espanhóis, de presença recente. O estudo desta mestiçagem está programado na "Operação Caboclo", plano de pesquisa antropológica, que apresentamos à UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ, e que será iniciado no segundo semestre de 1974.

O Homem desta zona, de um modo geral, é baixo, robusto e bem alimentado, daí a predominância de braquitipo alegre, jovial e trabalhador (Bordallo da Silva, Armando —


TERRITÓRIO DA ANTIGA CAPITANIA DO CAITÉ
micro-áreas ecológicas
V1
V2
V3 →
H1
H2
H3
Ilha do Marco
BRAGANÇA
rio Caité
rio Piriá
VIZEU
foz do Turiaçú
Guamá
Turiaçú
Alto Turi
rio Gurupi
rio Turiaçú
BR-316
Sto Inez.
rio Pindaré
BR-010
Itinga

Aspectos ântropo-sociais da alimentação da Amazônia, Belém, 1949).

As atividades rurais do Homem consistem principalmente, na pesca, lavoura e pecuária. Os peixes marítimos, os crustáceos, e os moluscos são abundantes, e a pesca é atividade rendosa. A lavoura é variada, predominando, no entanto, a da mandioca, da malva e do milho; o arroz tem boa exportação; a coleta, especialmente a do babaçu, é feita em abundância e seus frutos são dirigidos às fábricas de industrialização; a pecuária é especialmente de bovinos e suínos. A despeito da exaustão das terras desta zona, tão proclamada pelos técnicos, ela é especialmente agrícola e as inúmeras mancras de campos e campinas, especialmente no centro e norte desta zona, permitem a criação de bastante gado bovino.

No aspecto geológico e mineralógico vemos desde formações vulcânicas e rochas gnásicas antiquíssimas, às formações recentes, holócenas aparecendo e desaparecendo, sendimentando, erodindo, entupindo rios, formando ilhas e desfazendo-as em seguida, mas tudo isso avançando sempre para os limites da plataforma submarina. Acreditamos que exista petróleo nesta região; o ouro é abundante, o ferro, o alumínio e o manganês, etc., são também encontrados em várias regiões. A terra é plana no litoral, nos campos e campinas; contam-se, no entanto, algumas elevações não superiores a 200 metros nas proximidades das costas marítimas, e terras mais altas para o Sul, como as serras da Desordem e Tiracambu. As matas são frondosas, especialmente quando formam galerias túneis, à margem dos rios, e estes, enlameados de vaza, descendo dos altiplanos do Sul, formam as suas várzeas, os tijucais e as praias arenosas do nosso belo litoral.

Finalmente, a terra aqui é ocupada por uma vida que se correlaciona com os limites ecológicos de uma zona perfeitamente diferenciada e definida, separando o Norte do Nordeste. É por isso que nesta zona deve ser criado um Território ou um Estado, nos limites da antiga Capitania do

Caité, corrigindo uma anomalia fisiográfica e ecológica, e a injustiça da desigual distribuição dos benefícios econômicos para uma só unidade administrativa do Brasil.

* * *

Dos meados do século XVIII ao do século XX a liderança Política social, econômica e educacional foi marcante, não somente na região, como até na área do Estado. O progresso assinalado na cultura local, no comércio, na política e na pecuária permitiram um melhor padrão educacional, com o aprimoramento das técnicas e das manufaturas; assim muitos bragantinos, até na Europa foram estudar. Com isso apareceram líderes, no interior ou na cidade, tendo força política não somente no município, como também na cúpula estadual. Muito embora insulada até 1908, Bragança criou uma sociedade baseada na educação portuguesa, o que contribuiu para alicerçar e desenvolver hábitos, costumes e vida social até hoje mantida com os aspectos nitidamente luzitanos. Com a chegada de tropas americanas a Belém, essa educação foi influenciada, marcando, mesmo, o início de uma nova fase social, educacional e de novos padrões de comportamento no seio de nossa comunidade.

A importância econômica e social de Bragança pela situação geográfica do seu porto, a meio caminho entre Belém e São Luís tornou esta cidade de Bragança, o centro de um círculo de influência, não somente no comércio, mas também sob todos os aspetcos dominantes das atividades das populações dos municípios vizinhos paraenses ou maranhenses. O diâmetro desse círculo ia da cidade de Cururupu, no Maranhão, à cidade de Castanhal, no Pará. O eixo Belém-Bragança-São Luís dominava toda a Amazônia, no comércio, na lavoura, na pequena indústria, na vida social, política, administrativa e educacional. Bragança e a zona bragantina abasteciam de farinha, tabaco e gêneros alimentícios todo o resto da Amazônia. A produção agrícola desta zona era de 2/3 da pro-

dução de todo o Estado do Pará (Bordallo da Silva, Armando — Aspectos ântropos-sociais da alimentação na Amazônia. Belém, 1949). Apesar de diminuída essa atração, Bragança ainda hoje, é a grande cidade, para onde desejam vir todos aqueles que tenham tido uma melhoria econômica nos negócios do interior ou nas lavouras rurais. Ainda hoje, Bragança esvasiada e abandonada, se mantém graças ao seu porto, pela entrada e produção de gêneros alimentícios do nosso município e dos vizinhos.

* * *

Este ano comemora-se 175 (cento e setenta e cinco) anos de fundação da Irmandade de São Benedito, da instituição da Festa e do aparecimento da Marujada. É uma comemoração festiva que o povo Bragantino se associa alegremente para realizá-los anualmente, graças ao profundo sentimento de fé e de culto à lembrança de seus antepassados. Felizes os povos ou as comunidades que se apegam ao seu folclore, com o mesmo ardor com que cultivam a Fé, porque, como a Esperança, a Fé e o Folclore devem ser as últimas coisas a morrer no seio do povo. Eis porque esta trindade de sentimentos consolida o amor à terra, à família, à sociedade e à religião. Este amor à terra deve ser um salutar bairrismo com que as instituições seculares são mantidas, a economia consolidada, a sociedade congregada, a família mantida coesa, o comércio próspero e finalmente o progresso em evolução crescente, caracterizando a civilização. Esta é a cultura que herdamos dos nossos antepassados. É a civilização que se exterioriza evoluindo em hábitos e costumes próprios da comunidade.

* * *

A I.ª Feira da Cultura Popular do Caité que em tão boa hora foi idealizada e organizada, nos dá uma brilhante amostra do que acabamos de dizer, expondo ao próprio povo,

a Cultura que lhe pertence para que se conscientize de suas técnicas e de suas manufaturas. Por isso os seus organizado res são merecedores dos mais elogiosos cumprimentos.

* * *

Terminando aproveito a oportunidade para relembrar que devemos fazer desaparecer os interesses políticos ou econômicos desiguais, interessando somente uma unidade federativa, para atender aos reclamos duma grande e rica região, que exige uma unidade administrativa, como limite das duas grandes regiões do país, Norte e Nordeste. O Território ou Estado assim colocado mobilizaria o desenvolvimento regional ansiado e aguardado pelo povo, igualmente ao que está sendo feito pelo Governo Federal em outras regiões amazônicas. A oportunidade é válida para o apelo feito, pois o Governo do Presidente Médici, que realiza a integração da Amazônia à civilização brasileira e tem estimulado e autorizado o estudo de uma nova divisão político-administrativa do Brasil, baseada na fisiografia e na ecologia das regiões, terá na criação dessa unidade federativa pleiteada, a certeza de que mais uma região brasileira receberá o auxílio e os benefícios da filosofia conceitual, administrativa e política da revolução de 1964. E que o General Ernesto Geisel, futuro Presidente da República, sensibilizado por este apelo, aceite a sugestão de se restabelecer o acerto sábio da política administrativa dos portugueses, quando criaram a Capitania do Caité, delimitando não somente geográfica, mas ecologicamente as duas grandes regiões do país — o Norte e o Nordeste.

O território da antiga Capitania do Caité é o maior centro de lavoura da Amazônia; um dos maiores centros de pecuária; o maior centro pesqueiro; é também rico em minérios (ouro, bauxita, etc.); é a área mais demograficamente densa (30 - 40 habitantes por Km2); tudo isso de toda a Amazônia. Seria, pois, justo que também este território partilhasse dos benefícios e dos inestimáveis auxílios, que presente-

mente vem recebendo a parte central da Amazônia : — em estradas, obras públicas, na pecuária, na indústria, na lavoura. etc.. Para isso a criação do Território ou do Estado do Caité deveria ser o primeiro passo, porque começaria delimitando a Amazônia, dentro do seu território fisiográfico e ecológico, e integrando-o em unidades administrativas indivisíveis.

O apelo é válido porque sabemos do interesse dos atuais governantes do País, realizando a integração total da Amazônia à civilização brasileira : — humana, social e econômica.

EXPLICAÇÃO NECESSARIA

A presente publicação na Revista da Universidade Federal do Pará, visa, principalmente, sanar erros de tiragens anteriores. Se apesar disso, ainda houver pequenos erros tipográficos a fazer o leitor prestará um grande obséquio corrigindo-os, pelo que o A. lhe ficará muito agradecido.

RESUMÉ

Dans ce travail, l'auteur donne tout d'abord une vision historique de l'ancienne Capitainie du Caité — unité administrative du Brésil colonial — en presentant son developpement de 1634, date de sa fondation, jusqu'à nos jours.

Le rôle principal mis en évidence est celui de la civilisation par les blancs et le melange entre ces blancs et les indigènes d'ou est né le "caboclo bragantino" — c'est a dire, le paysan de la région de Bragança, qui s'est developpé avant l'arrivée des esclaves noirs, avec un rôle d'assimilation culturellé intensive atravers un nouvel ordre social et folklorique, menné par les noirs.

L'auteur parle aussi des imigrants venus de la partie nordést du Pays — les "nordestinos" — qui sont arrivés pour travailler à la construction du chemin de fer de Bragança.

Un point important est la fête de Saint Bênoit avec sa "glorieuse fraternité", ses danses pitoresque, nommées "Retumbão", dansée pour

1478 exmp.

COMPOSTO E IMPRESSO NO
SERVIÇO DE IMPRENSA UNIVERSITÁRIA
Trav. Rui Barbosa, 491

Comunicado

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas e da região Norte. O uso deste documento é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais – Lei n. 9.610/98.

Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõe a rede de Bibliotecas Públicas do Estado do Amazonas.

Contato

E-mail : acervodigitalsec@gmail.com

Av. Sete de Setembro, 1546 - Centro
69005.141 Manaus - Amazonas - Brasil
Tel.: 55 (92) 3131-2450
www.cultura.am.gov.br

Secretaria de Cultura